

O Potiguar

Ano 1 Nº 02

Janeiro /98



Fabião das Queimadas

Poeta das Vaquejadas

FABIÃO DAS QUEIMADAS

Fabião das Queimadas foi o mais famoso poeta popular da ribeira do Potengi. O seu nome de batismo era Fabião, mas, em virtude de ter sido escravo de José Ferreira da Rocha, rico fazendeiro e proprietário da Fazenda Queimadas, no município de Santa Cruz, adotou o pseudônimo poético de Fabião das Queimadas e o nome civil de Fabião Ferreira da Rocha. Dele se conta que comprou a própria alforria e da escrava com quem se casou.

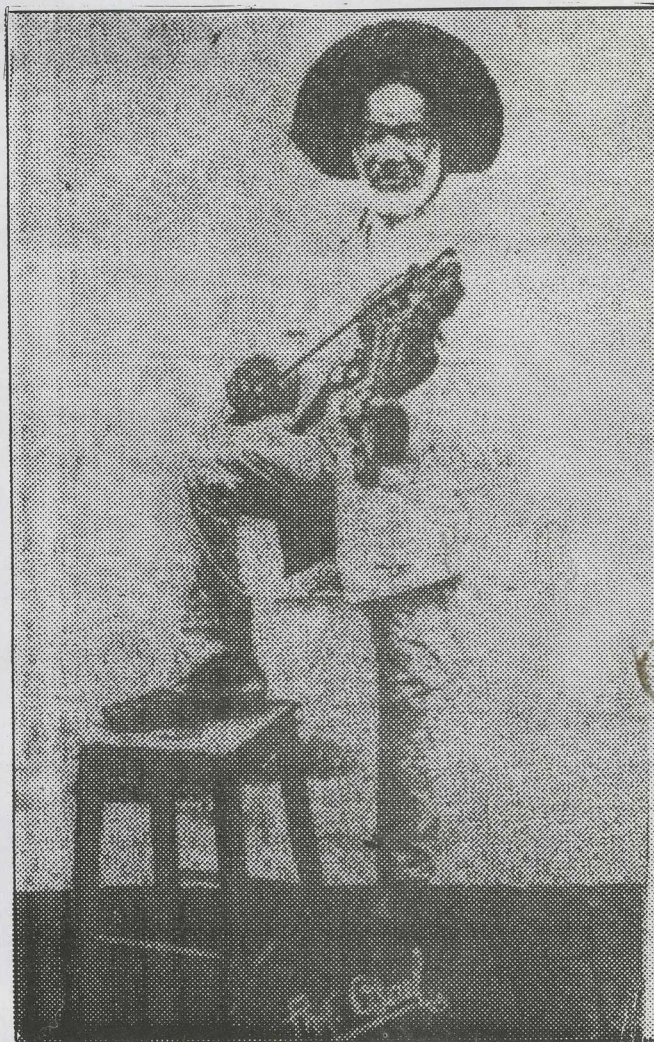
Acredita-se que tenha nascido na ribeira do Potengi, no ano de 1836. O seu falecimento ocorreu em 1928, segundo informa um dos treze filhos que lhe sobrevivem.

Fabião tinha o dom admirável da improvisação. Certa vez, H. Castriciano encontrou-se com ele em Serra Caiada e ao ser-lhe apresentado, ouviu incontinenti, esta quadra:

*Hoje, aqui em Serra Caiada,
dois poetas se encontrou:
um é branco e outro é preto,
mas são iguais no valô.*

Fabião, que dedilhava rabeça e não a viola, não gostava do desafio. Preferia os serões familiares, apreciado pelo povo e pela gente culta também. H. Castriciano e seu irmão Eloy de Souza, que muitas vezes a ele se referiu em suas famosas *Cartas Sertanejas*, de Jacinto Canela de Ferro, trouxeram-no uma noite à vila Cincinato, residência oficial do governador Ferreira Chaves e Governantes que o sucederam até 1942.

Foi nessa noite, que o poeta negro



improvisou esta saudação ao então senador Eloy de Souza:

*"Seu doutô Eloy de Souza,
Minha mãe sempre dizia,
Se o senhor não fosse rico,
Era da nossa fâmia*

Rômulo Wanderley

Transcrito do livro "Panorama da Poesia Norte-Rio-Grandense. Natal, 1966.

EXPEDIENTE

Diretor.....
João Gothardo D. Emerenciano

Revisão.....
- João Gothardo D. Emerenciano
- Giuliano Emerenciano Ginani

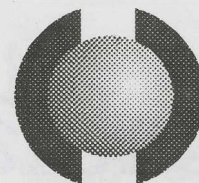
Editor.....
Moura Neto

Programação Visual.....
- Arandi Sales
- Felline Publicidade

O Potiguar

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Avenida Prudente de Moraes, 625 - Tirol
Natal/RN - CEP: 59 020-400



HIPOCRATES
COLÉGIO E CURSO

1999 - Ano do Quatrocenário da
cidade do Natal

Rua Jundiá, 421 - Tirol - Tel.: (084) 222-4367
Natal - Rio Grande do Norte

GALOPE ALUCINADO

Chico Miséria & João Gualberto

CERTO DIA ENCONTREI
UM VAQUEIRO CANTADOR
MONTADO EM SEU RAIO
MANEIRO ENOURADO
GIBÃO, GUARDA-PEITO, PERNEIRA
CHAPEU DE COURO TRATADO.



ACREDITAVA NAS LENDAS
VEROSCÓPIAS DO PASSADO
ENCONTRANDO NAS PAISAGENS
PEOTAS DESGARRADOS



VIA O DIA À CADA NOITE
ALEGRE OU TRISTE ENSOLARADO
ABOIAVA COM LÁ NO COICE
E TANGIA COM DÓ GADO ASSOMBRADO

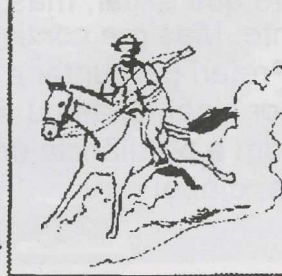
O POVO
CANTAVA E ENCANTAVA
SUA CANÇÃO
EM ACORDES DISSONANTES
TOCADO O SEU CORAÇÃO
IDENTIFICADO COM A TERRA
BELO TRABALHO AMOR VIRADO.



CAPAZ DE AGUENTAR CARREIRA
DE PUXAR TOURO SEM RABO
DEITAR BEZERRA BRABA
NO PASTO
E CHEIRAR RAPÉ DO LADO
PITAR UM BREJEIRO INTEIRO
EM SEU PESCOÇO SENTADO.



PRESERVANDO
SEUS VALORES
NUM GALOPE
ALUCINADO.

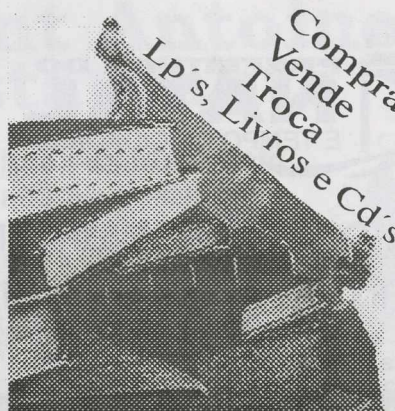


PREFEITURA DO NATAL
É TEMPO DE CIDADANIA

CAPITANIA DAS ARTES

1998 - Ano do centenário de
Luís da Câmara Cascudo

**SEBO
CATA
LIVROS**



Compra
Vende
Troca
Lp's, Livros e Cd's

Rua da Conceição, 617 - Cidade Alta - Rua Vaz Godim, 86 - Cidade Alta

As Horas Más de Quem Quebra o Relógio



Quebrou-se o meu relógio e isso foi bom e não foi. Foi bom porque, findas as obrigações do dia, fico-me a carregar no espírito a displicência de quem não deve favores a ponteiro de relógio algum e que a hora em que chegar para o jantar em casa chego bem, podendo empalhar-me com o amigo que conta uma história longa e pitoresca e demorar-me por mais tempo a espiar os olhos da amiga bonita que conta o enredo do último filme que assistiu. Mas há o lado ruim do fato de não ter relógio: a obrigação, nas horas de obrigações, de perguntar "que horas são" a um e a outro pelo meio da rua, dentro das auto-lotações, na fila do cinema. E as respostas vão desde o mais lacônico "quatro e meia" ao retórico e empolado "no meu cronômetro são precisamente 16 horas 30 minutos e 15 segundos".

Anteontem à tarde, perguntei a "hora certa" a uma mulherzinha toda enfeitada num vestido de forte amarelo com barrões negros, que parecia fantasia para concorrer a desfile de baile carnavalesco. Ela era, por maldade das fadas, minha vizinha de viagem num auto-lotação Alecrim-Rocas e me afirmou que eram "duas horas da tarde", "da tarde" este que eu dispensava, pois não sou cego e via por onde ia o sol e, mais ainda, que já almoçara e já fizera minha sesta. Mas nada ficou apenas nisso. A mulherzinha colorida achou de puxar conversa. Começou a dissertar sobre o calor e, quando dei fé, já falava no nome do perfume que ela me assegurou ser "coisa especial". E puxou da bolsa um lenço perfumado. Não liguei, pois não prestava muita atenção à conversa, mas absorvi o perfume, quando a bolsa se abriu e o lenço saiu.

Confesso: não era ruim. Em seguida, da bolsa mágica, pularam um pente, um espelho e um "baton". E tivemos durante alguns minutos um instituto de beleza completo dentro do coletivo, e sua legítima proprietária falando à bessa. A palestra derivava do perfume, para os índios xavantes que ela vira no cinema, o que, evidentemente, são assuntos completamente incompatíveis. Enfim, nunca os pobres nativos brutos estiveram tão perto de um perfume "coisa especial".

Tive que saltar, mas como o tempo passara, precisava saber as horas, novamente. Mas me contive. Talvez o amarelo da mulher tivesse mais algo a dizer. Preferi perguntar a um velho sisudo, quase a saída do lotação, e que, por sinal, chamou seu relógiozinho vagabundo de cronômetro, e mais ainda: com a petulância do "precisamente".

Êta, diabo!



Foto: Osório Almeida.

Berilo Wanderley.



Instituto de Planejamento
Urbano de Natal - Iplanat

Rua Frei Miguelino 116 - Fone: (084)
211, 4808 fax: (084) 212-1394 -
CEP: 59.012-180 - Natal / RN



Gráfica Santa Maria

Av. Rio Branco, 892 - Centro - Natal/RN -
Fone: (084) 211-5766/4965/3320 Fax: 222-0183



Redondilhas

A nossa alma de velho
anda agora renovada,
que o amor é como a morte,
chega sem ser esperada

Arviça, meu povo, arviça,
que Fabião tá na terra,
tapando rio e riacho,
boqueirão e vão de serra,
atira com bala de ouro
e aonde aponta não erra.

Eu vi uma lagartixa
sentada numa almofada,
fez cinco varas de renda
e disse que não foi nada,
deu de comer aos pequenos
e andou desocupada.

Este meu boi de um urro
que o vento paralisou

As moças choraram tanto
que os riachos enchurrou
eu chamava e ele vinha,

olê, olá, olô

Mandei o meu para baixo
com sessenta tangedô,
precisou de outros sessenta
pra dá arrodoadô,
eu chamava e ele vinha,
olê, olá, olô.

Passando em Pedra de Fogo,
uma dona me chamou:
-Quer verder o Surubim,
um conto de réis eu dou.

-Um conto e oitocentos
o dono já enjeitou,
eu chamava e ele vinha,
olê, olá, olô.

Esta minha rabequinha
é meus pés e minhas mão,
é o meu roçado de milho,
minha planta de feijão,
minha criação de gado,
minha safra de algodão.

Fabião das Queimadas

Fabião das Queimada

Sou o Fabião das Queimada
Eu moro em terra querida
Pedaço da minha vida
De violas afamada

Vim cumprir nesta cidade
Tocando em sua presença
Uma coisa em que não pensa
Porém que existe, é verdade

Eu tava no meu cercado
Com minha viola em mão
Quando chega um moço, então
E me diz: tás contratado.

Pelo modo de falar
Desse moço que falei
Eu não podia faltar
E, por isso, me arrumei.

Fui home sempre casêro
Da roça nunca saí
Mas, moça, pelo que vi,
Dei um sim ao cavalêro.

O moço tinha no rosto
Uma coisa, tava séro,
Só parecia um mistêro,
Afrição, argum disgosto,

Num era disgosto não
Ele me disse adispois,
Falando só pra nós dois,
Cás fala do coração.

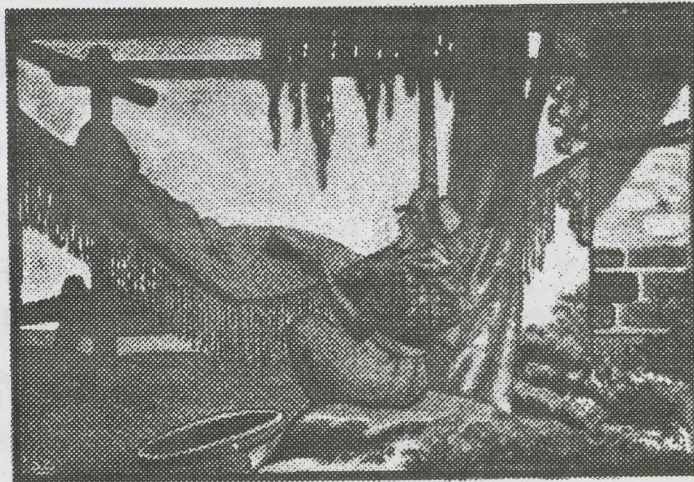
Era o amor sempre o amor
A fustigar o rapaz,
Com seu sembrante mordaz
Trazendo somente a dor.

Entonce fui ispicando:
Seu moço, isso é só saudade
Vamos os dois pra cidade
Queu prometo, vai passando.

Arresponde o moço assim:
Fabião, tu vais sozinho,
Tocando pra ela, bonzinho,
A viola diz por mim.

Por isso, senhora, eu digo
Que vai falar a viola,
Soletando aqui comigo
Pro mode errança não dá,
Pois o moço tá distante
Mas vou dizer agorinha,
Através desta cordinha,
Que bem presente ele tá.

Antônio de A. Emerenciano Sobrinho (1953)



EMSERV

Empresa de vigilância e Transporte
de Valores Ltda.

Av. Campos Sales, 682 - Tel.: (084) 211 4955 - Natal/RN
Rua Epitácio Pessoa, 527 - Bom Jardim - Mossoró/RN

Saint Antoine Restaurante

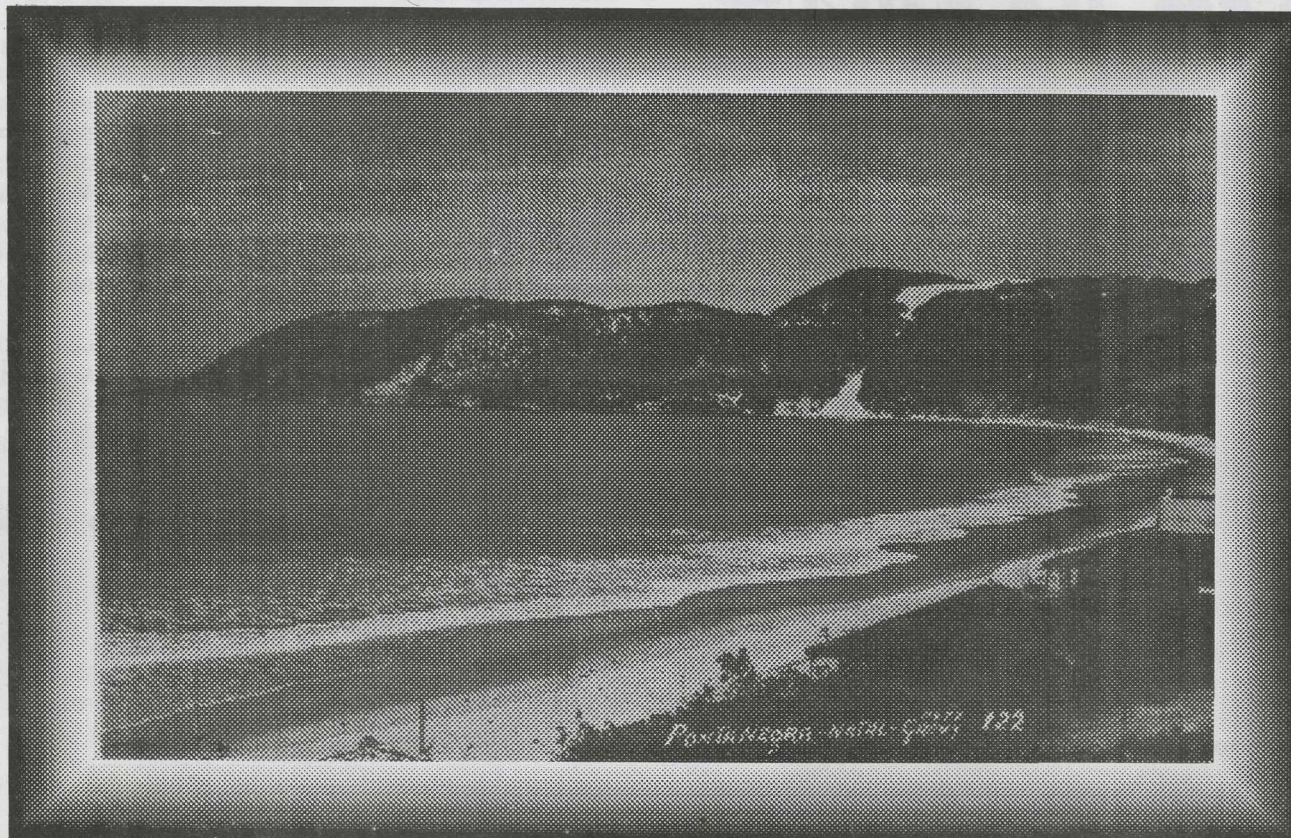
O cardápio é variado e com
muita salada ao gosto da
deliciosa "COMIDA CASEIRA"



So paga o que come

Rua Santo Antônio, 651 (Entre o convento Santo Antônio e a antiga Catedral)

Ponta Negra no tempo, no espaço e nos sonhos



A mais antiga referência à praia de Ponta Negra é a descrição feita na cartografia do Rio Grande, durante a ocupação holandesa de 1633 a 1654.

A esquadra flamenga desembarcou em Ponta Negra no dia 08 de dezembro de 1633, partindo depois em direção ao Forte dos Reis Magos onde consolidou a invasão.

No século passado a população era constituída de pescadores que, inicialmente, construíram suas casas

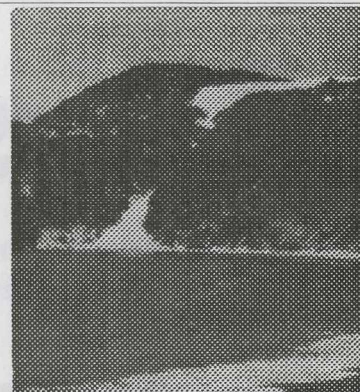
de palha de coqueiro à beira-mar, deslocando-se depois para o cimo da colina que originou o núcleo da Vila. Além da pesca, extraíam óleo de batiputá, plantavam roçados e faziam carvão, principalmente de pau-brasil e tatajuba.

Em 1877 já existia uma casa de oração na povoação de Ponta Negra, construída por iniciativa particular, tendo a lei Provincial nº 289, de 11 de

iglesias

Arquitetura
Imóveis
Turismo

- ◆ Projetos, pagamento facilitado.
- ◆ iglesias compra, vende, aluga ou administra seu imóvel.
- ◆ Alugue seu imóvel no verão com lucro e segurança.



Rua Pedro da Fonseca, 8989. Ponta Negra - Natal- RN - Fone:236 - 3635 - fax.:219-4000.
Obs: Casa do telhado branco em frente à torre celular. e-mail: iglesias @ eol.com.br

agosto de 1854, criado uma escola pública para o sexo masculino.

Após a Segunda Guerra Mundial o natalense passou a ir com maior frequência à praia de Ponta Negra, iniciando as construções das casas de veraneio que teve seu auge nas décadas de 60 e 70.

O desenvolvimento da Vila, núcleo do bairro, teve início na administração do Governador José Varela, na década de 40, com a construção do primeiro chafariz localizado atrás da igreja que foi reconstruída pelo bispo Dom Marcolino, em Janeiro de 1931. No Governo Aluísio Alves foi construído outro chafariz, na rua do Currupio, e implantada a energia elétrica. O calçamento das ruas foi iniciado na administração do Prefeito José Agripino Maia e o asfaltamento na gestão do Prefeito Garibaldi Alves Filho.

Além do assentamento primitivo o bairro, que foi oficializado através da Lei 4.328 de 5 de Abril de 1993, é constituído de seis conjuntos habitacionais (Ponta Negra, Alagamar, Serrambi I, Serrambi II, Serrambi III e Natal Sul), abrigando uma população de 17.964 habitantes numa área de 1.150.70 ha situada na Região

Administrativa Sul, limitando-se ao norte com Capim Macio, parque das Dunas e Neópolis, ao Sul com o município de Parnamirim, ao leste com o oceano Atlântico, e a oeste com Neópolis.

O grande número de bares, restaurantes, boates, casas de show, pousadas e hotéis atesta a vocação turística do bairro que hoje pouco lembra

a época em que "Bateria" comandava um grupo de quatro barraqueiros nativos à beira-mar e "Zé Barbudo" orquestrava o "Forró do Tumama", regado à sanfona, cachaça e peixe-frito, sob a luz da lamparina.



Conjunto Ponta Negra - 1981

João Gothardo Dantas Emerenciano

Fontes

Breve Notícia Sobre a Província do Rio Grande do Norte, de Manoel Ferreira Nobre (2ª edição - Rio de Janeiro; Editora Pongetti, 1971); História da Cidade do Natal, de Luís da Câmara Cascudo (2ª edição, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília; INL, Natal. UFRN, 1980); Natureza e História do Rio Grande do Norte, de João Alves de Melo (Imprensa Oficial, [s/d], Natal/RN); O Feitço da Vila, de Paulo Augusto (In Tribuna do Norte, 22/03/92); Perfil dos Bairros do Município de Natal (Prefeitura Municipal de Natal/ IPLANAT/GERINT, 1994); outras pesquisas feitas pelo autor.

DROGARIA
VIVA
VIDA

Completo sortimento de remédios, perfumaria e o melhor atendimento.

Agradecemos a preferência

Av. Prudente de Moraes, 564 - Tirol
Tel.: 222 - 7954 - Natal - RN

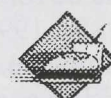
ESPAÇO
Arabaiana



Arabaiana
RESTAURANTE



Arabaiana
GRILL



Arabaiana
FAST

12 anos de tradição no mercado gastronômico.

No jantar temos traslado gratuito, faça sua reserva.

Funcionamos todos os dias.

Av. Eng. Roberto Freire, 9036 - Ponta Negra - Natal/RN
Telefax: (084) 236-3005

Fabião das Queimadas,

Fabião das Queimadas, o poeta das vaquejadas. Assim ele era conhecido. Levava o nome da fazenda onde veio ao mundo, no município de Santa Cruz e hoje pertencente a Lagoa de Velhos. Nasceu escravo, em 1848, segundo anotou Câmara Cascudo, e morreu em 1928 - portanto com 80 anos. Falam que ele era filho do coronel da fazenda e uma escrava, mas através da arte de cantar romances de gado e coco de bolada, para o povo e para a aristocracia da época, comprou a sua liberdade, a da mãe e a de uma sobrinha, com quem se casou e teve 15 filhos. Trabalhava também na agricultura, numa propriedade que tinha em Riacho Fundo, distrito de Barcelona. Mas gostava mesmo era de cantar e tocar rabeca onde houvesse uma peleja de gado.

Para falar sobre esse personagem, singular na cultura popular do Estado, O Potiguar procurou o folclorista Deífilo Gurgel. Ele diz que Cascudo considerava Fabião um poeta medíocre, coisa com a qual não concorda. E para ressaltar a capacidade do poeta em criar versos que poderiam ser classificados como singelos, repete uma história que lhe contaram.

- Qual a importância do Fabião das Queimadas no romanceiro nacional?

- Ele tem uma importância transcendental principalmente no romanceiro brasileiro da pecuária nordestina. Esse romanceiro compreende romances desde 1790, ainda no século 18, quando os primeiros romances de gado foram coletados nesta época por José de Alencar. Há uma série de romances escritos em cordel e outros transmitidos oralmente entre as pessoas do povo. Nosso Fabião criou vários romances desse ciclo da pecuária e talvez seja um dos poucos que ninguém tem dúvida sobre sua autoria. Nas minhas pesquisas por esse mundo de Deus encontrei em São Pedro do Potengi um senhor chamado Pedro Ribeiro, que cantou para mim o romance do Cavalo Moleque Fogoso. Perguntei como ele conhecia esse romance, já que ele era um pequeno proprietário rural e geralmente quem gosta disso é cantador de viola. Ele me disse que esse cavalo pertencia a seu pai, por isso sabia do romance decorado.

- Sendo Fabião uma pessoa humilde e analfabeta, que não se preocupava em registrar sua criação, podemos suspeitar que deve ter havido um extravio grande de sua produção, certo?

- Muito grande. Cascudo deve ter registrado de 20 a 30% de sua obra. Mas veja bem: pesquisa folclórica é a coisa mais interessante desse mundo. A gente começa pesquisando uma coisa e depois vai saindo para outras e acaba em caminhos que a gente nem esperava trilhar. Eu comecei fazendo pesquisa sobre o romance ibérico, que veio de Portugal para o Brasil. De repente lá vem uma enxurrada de romances de Fabião. Pesquisei o assunto de 1985 a 1994, praticamente dez anos, e estava certíssimo que o romance do cangaço e da pecuária eu só iria encontrar no Seridó. Mas não encontrei nada naquela região. Quem veio me dar mais informações sobre o assunto foi uma mulher de São Gonçalo do Amarante, dona Maria José (na verdade o nome original é Militana Salustina da Silva). Romances do Fabião, ela não sabia. Os dele eu colhi com seu neto, Raimundo das Queimadas, e Pedro Ribeiro. Fora as pesquisas bibliográficas dos livros de Cascudo.



Foto: Argemiro Lima

Deífilo Gurgel: folclorista, pesquisador do rom

- Afinal, quantos romances Fabião criou?

- Ele deve ter composto de uns 15 a 20 romances, mas tenho referência apenas de uns sete ou oito, como o romance da Vaca Lisa Vermelha, o do Boi Piranha, Boi da Mão-de-Pau e o do Cavalo Moleque Fogoso.

- Esse ano comemora-se o sesquicentenário de nascimento de Fabião. A data vai passar esquecida?

- Estou querendo publicar este ano um livro sobre o Fabião das Queimadas em comemoração aos 150 anos de seu nascimento. O livro teria a sua biografia e todos

O poeta das vaquejadas

Uma vez Fabião estava trabalhando em mutirão juntos com outros trabalhadores da fazenda, que ficava na beira de um rio, de onde se avistavam craibeiras floridas e uma algazarra de pássaros.

Alguém chegou junto dele e pediu para fazer uns versos, no que ele atendeu na hora: "Canta alegre os passarinhos, do outro lado do rio, uns cantam porque têm fome, outros por ter frio; uns cantam de papo cheio, outros de papo vazio".

Deífilo pretende editar este ano um livro para marcar o sesquicentenário do poeta das vaquejadas, cuja obra considera de fundamental importância para o romanceiro da pecuária nordestina. Em dez anos de pesquisas, o folclorista colheu cerca de 400 versões de romances, entre estes uns oito de Fabião, e prepara o lançamento de um livro sobre o romanceiro potiguar. Na entrevista a seguir, Deífilo conversou com Moura Neto e João Gothardo Dantas Emerenciano.



anceiro potiguar.

os romances que estão confirmados como sendo dele. Eu pretendo até falar com José Ivo (prefeito de Lagoa dos Velhos e incentivador da cultura popular) e o livro poderia sair como uma parceria da prefeitura e da universidade.

- Qual a diferença ou semelhança entre romances e a poesia de cordel e dos repentistas?

- Para fazer cordel é preciso saber escrever. Essa poesia também pode ser oral ou improvisada, mas geralmente a parte improvisada soma apenas 30% da cantoria. As outras estrofes fazem parte do universo

tradicional das cantigas dos violeiros. Já o romanceiro é exclusivamente oral e só encontramos romances em livros naqueles escritos pelos folcloristas, que os colhem da boca do povo, como Cascudo e eu fizemos. Na verdade Cascudo pegou apenas umas 10 a 15 versões de romances aqui do Estado; alguns foram dados já escritos para ele pelo Hélio Galvão e Oswaldo Lamartine. Colhidos mesmo por Cascudo foram poucos. Enquanto ele coletou no máximo 15 versões, eu já colhi umas 400.

- Existe alguma semelhança entre Fabião, que gostava de andar pelas vaquejadas, e aquele poeta Zé Limeira, conhecido pelas suas andanças e pelas coisas absurdas que cantava.

- Quase não li nada sobre Zé Limeira. Mas sua poesia é mais sofisticada, fala de mitologia, religião, de Pedro Álvares Cabral, enquanto a de Fabião se restringe ao criatório do mundo nordestino. Mesmo quando ele vinha para a capital, falava do lugar dele, de onde ele residia.

Romance do Cavalo "Moleque Fogoso"

*Eu fui acreditado
nas pernas de meu senhor.
Eu pra trabalhar a gado
nunca achei competendor
Nunca dei combate a bicho
que não fosse o vencedor.*

*O senhor seu Pedro Quinca,
este veio de São Joaquim,
no seu castanho pequeno,
que não era tão ruim,
pelas suas velhacadas,
ficou com raiva de mim.*

*Na fazenda Belo Monte,
na casa de seu Adellino,
vadiéi muito a meu gosto,
satisfiz o meu destino.
Para trabalhar a gado
Sempre fui cavalo fino.*

*Dei muitos campos pesados
Corri muita apartação.
Juntava "Moleque Fogoso"
com "Castanho" da Divisão.
Eu nunca deixei meu dono
sofrer vergonha em mourão.*

*Dê lembranças aos que eu deixo,
os bons cavalos de fama:
"Carrapicho" do Nozinho,
"Carçadim" das Imburana,
"Sanhaçu" da Primavera,
"Dezessete" do Viana.*

*Eu fui muito acreditado
nas pernas de meu senhor,
Eu pra trabalhar a gado,
nunca achei competendor
Nunca dei combate a bicho,
que não fosse o vencedor.*

*Dê lembranças aos que eu deixo,
os meus nobres companheiros,
o "Pedrês" do Belo Monte,
"Veado" de Zé Ferreira,
o "Medalha" do Salteiro,
cavalos bons de porteira.*

*Adeus rios e riachos,
cacimbas e bebedor.
Adeus toda a vaqueirama
que sempre a mim me louvou.
Adeus, Ovídio Ribeiro,
porque foi meu senhor.*

Os Revolucionários da Confederação do Equador no Seridó

Após a derrota do movimento Confederação do Equador em Pernambuco, o frade carmelita Joaquim do Amor Divino e Caneca, Frei Caneca, liderando um grupo armado, inclusive com peças de artilharia, seguiu daquele Estado rumo ao Norte, chegando a região do Séri do depois de passar pela Paraíba.

O fragmento do itinerário narrado pelo frade revolucionário foi transcrito do Almanaque Renoir, edição de 1894, e cedido ao O Potiguar pelo pesquisador Joaquim Martiniano Neto do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

Em 21 (outubro de 1824) saímos de Pedra Lavrada para Malacacheta em distância de quatro léguas. Marcharam o 1º Batalhão e o 2º, e parte da bagagem; ao chegarmos perto de Malacacheta quase uma légua, apareceram alguns tiroteios inimigos da parte do capitão Romeu que espantando os cargueiros de bagagem, a qual vinha descuidadamente por não presumir-se que fôssemos atacados, segundo um contrato que o Romeu tinha conosco feito por um ofício em que nos pediu, que não passássemos por dentro da Vila de S. João que ele dava a sua palavra de não sermos perseguidos pela sua tropa; mataram as duas pessoas e levaram consigo seis cargas, sendo quatro da família do Presidente Félix Antônio, que nelas perdeu o melhor que tinha. Quando a guarda avançava tomou o ponto da Malacacheta, apareceram montados três exploradores do inimigo; os quais foram mortos. Prendeu-se o comandante do lugar,

Manoel Rodrigues, por se ter achado aí o portador de uma carta, que para ele vinha, escrita pelo comandante do Rio do Peixe, Eugênio de tal, determinando-lhe que ajuntasse a sua gente e marchasse para o ponto de Santa Luzia e atacar-nos.



Bandeira da Confederação do Equador

Com a falta de animais para condução, tinha ficado em Pedra Lavrada o resto da bagagem; ficou-a guarnecendo o 4º Batalhão até o dia seguinte ao em que pela manhã, antes do dito Batalhão sair do ponto, foi atacado pelo inimigo, que chegou aí na véspera em número de duzentos caçadores, sendo cem de 1º linha e outros cem da 2º, e um grande número de mulatos, esperou a dar o ataque pela manhã. O inimigo recuou por quatro vezes e afinal, achando grande resistência dos nossos, reduziu-se a dar algumas pequenas descargas de guerrilha. Ouvindo-se do acampamento as descargas, mandou-se-lhe um auxílio, que lhe serviu muito a tempo. Nesta



DINÂMICO

O Cursinho de Cara Nova

Rua Apodi- Cidade Alta - Fone: (084)222 - 0992 Rua José de Alencar 818

manhã tivemos a perda de um sargento que morreu. Não se pode saber a perda do inimigo, porém viram-se cair alguns deles.

A descida da Serra da Borborema, ainda mesma nesta estação, é lindíssima; apresenta golpes de vista os mais pitorescos e capazes de encantar os olhos do viajante.

Logo que ao acampamento chegou o 4º Batalhão, dirigiu-se a marcha para a fazenda das almas, duas léguas de distância, e aí pernoitamos; e saindo muito cedo no dia 23, viajamos a povoação da Conceição, três léguas e meia de distância. É uma povoação com sua igreja nova, ainda por acabar; aí achamos farinha, feijão, milho, aguardente, queijos, etc.

Aqui mora D. Maria José de Santa Ana, senhora de um patrimônio admirável.

Aqui nos apareceu José Hipólito da Costa Lins, cunhado do presidente, o qual reduziu a este a deixar no Distrito do Caicó a sua família; o que o dito presidente fez, indo conduzi-lo para o Remédio na madrugada do dia 24, com o destino de tornar a reunir-se ao Exército; o que assim praticou.

Neste lugar passamos o dia, e saímos ao entrar da noite, e tendo mal adiantado uma légua com pouca diferença, tomamos quartéis no campo em um lugar denominado S. João, província do Rio Grande; e saindo daí na manhã do dia seguinte, viemos a Samanaú, em distância de cinco léguas, havendo jantado em um rio, adiante da fazenda Cupubá.

Aqui tivemos notícias de que o Filgueiras se achava no Mariz, com uma grande força.

A 26 saímos de Samanaú, donde na noite antecedente requisitamos do comandante geral da Vila de Caicó dois presos nossos, que lá tinham; e chegamos à vila ao meio dia, duas léguas de distância.

Aqui depois de fazermos oração e postarem-se as tropas deram-se vivas à religião, à grande nação brasileira, ao Imperador constitucional e liberal e ao povo da Vila de Caicó; e deu-se uma salva de artilharia de sete tiros.

A Vila tem uma igreja não pequena, nova e bem paramentada. A casa do vigário é de sobrado e boa; todas as casas são novas e de pedra e cal e fazendo como um círculo, com um diâmetro de trezentos passos em uma chã por detrás das casas, o terreno é plano; mas pedregoso. Tem o rio três grandes poços de boa água que nenhum verão por mais forte é capaz de secar. Achamos alguma farinha, milho e arroz. O capitão Manoel de Medeiros Rocha, comandante geral, e mais gentes nos receberam

bem. O comércio da Vila é pouco ou nenhum

Aqui nos demoramos até o dia 2 de Novembro por causa dos concertos das carretas das peças.

Em um dos dias da nossa estada aqui, prendeu-se o Major Manoel Joaquim Paraíba, comandante do 2º Batalhão, por falta mui desordenada da boa ordem; privou-se-lhe o comandante e entregou-se ao major Agostinho a sua comandância.

Neste ínterim tivemos notícia da praça de Pernambuco dada por José Carneiro Machado Rios, que aí chegou a visitar o irmão, e se dirigiu as suas fazendas.

Do Caicó saímos, pois, no dia 2 de Novembro pelas sete horas da noite com o luar e fomos dormir antes do Paschoal, quatro léguas. De manhã saímos, fomos jantar no lugar chamado Olho d'água do Ferreiro, três léguas de distância, onde encontramos água mui ruim. Daí seguimos e fomos tomar quartéis a fazenda Caiçara, pertencente a João de Alemão Cisneiro, uma légua de distância; a estrada é uma travessia de campos cobertos de matos de jurema; a assentada da fazenda é formosa em um plano vasto e espaçoso, ficando-lhe por detrás da casa o rio das Piranhas, que lhe deixa nesse sítio um lindo poço d'água.

Frei Caneca

Notas

- 1- Os sítios Pedra Lavrada e Malacacheta estão localizados no Boqueirão de Parelhas, antigo Boqueirão da Serrota.
- 2- A Povoação de Conceição de Azevedo, depois Vila de Jardim e atual município de Jardim do Seridó originou-se da fazenda "Conceição", fundada na década de 1760 a 1770 por Antônio Azevedo Maia.
- 3- A povoação de Caicó foi instalada solenemente no dia 07 de junho de 1735, na fazenda Penedo, às 07 horas da manhã pelo Coronel de Cavalaria Manoel de Souza Forte em nome do Rei de Portugal e do vice-rei do Brasil.
- 4- O padre Francisco de Brito Guerra, pároco da Vila de Caicó, hospedou Frei Caneca em seu sobrado, construído em 1811.

João Gothardo Dantas Emerenciano.

Jorge Fernandes, Grão - Vizir do Majestic (I)

Em 1919 os poetas Jorge Fernandes e Deolindo Lima compraram o recém inaugurado Café Majestic, que funcionava na Rua Ulisses Caldas, esquina com a Rua Vigário Bartolomeu, no prédio onde Ezequiel Wanderley manteve o Bilhar Potiguarânia, no principio do século.

Um grupo seleto de freqüentadores, sob a batuta de Luís da Câmara Cascudo e Henrique Castriciano, fundou a Diocésia, agremiação que se reunia em um reservado do café para discutir arte, literatura, política e... sobretudo, beber.

O escritor João de Amorim Guimarães, um dos sócios fundadores, registrou a história do café e as "peripécias" de Jorge Fernandes, Grão-Vizir da Diocésia, no livro *Natal do Meu Tempo*, editado em 1952.



A "Diocésia" reunida no Majestic: sentado, 3º da esquerda para a direita -Luís da Câmara Cascudo; em pé, 3º da esquerda para a direita - Jorge Fernandes.

O Prático José Barbosa, freguês assíduo do Magestic, homem de uma boa fé incrível, não faltava às noitadas.

Era maçõn. Nos dias de sessão da Maçonaria, vinha cedo para o Majestic e ficava ali bebendo até a hora de ir para a maçõnaria.

Um dia, na "Loja", vendo Roque Fernandes, irmão de Jorge, tomou-o como Jorge e passou toda a sessão conversando com o "velho amigo" e estranhando que Jorge, sendo maçõn, ainda não tivesse se declarado como tal.

Ficara Zé Barbosa crente de que assistira a sessão ao lado de Jorge. Roque dera pela cousa, mas, achando interessante o engano, **agüentara a mão...**

No outro dia, no Majestic, Zé Barbosa já apertava a mão de Jorge com sinais maçõnicos.

Jorge, inteligente e sagaz, pegara no ar o

engano do velho e **agüentara a parada**. Durante toda a semana só conversavam, os dois, sobre maçõnaria. E já Zé Barbosa confiava a Jorge segredos maçõnicos, que Jorge ia "guardando", para no outro dia contá-los ao **irmão** como segredos sabidos por ele próprio.

Na outra semana, no dia da sessão, Zé Barbosa foi buscar Jorge no Magestic, para irem juntos. Jorge desculpou-se:

-Vá Marchando, que eu ainda vou em casa e de lá vou direto à Loja...

Ao chegar à Maçonaria e à presença de Roque, Zé Barbosa dera pela confusão e danou-se. Nem assistiu a sessão e veio direto ao Magestic tomar uma satisfação com o "profano" atrevido que tivera a petulância de iludir a sua boa fé.

Nestas ocasiões é que Jorge aparecia mesmo como um verdadeiro artista.

Zé Barbosa **lascou-lhe** o desaforo, ali defronte de todos. Jorge ouviu tudo calado, rindo ironicamente. Mas quando Zé Barbosa cansou, Jorge tomou-lhe a palavra:

-Você está enganado, Barbosa. Eu não vinha conversando com você negócios de Maçonaria, não. Era, sim, negócio de capa verde... eu pensei que você fosse capa verde, como eu...

Ante a risada geral, Zé Barbosa aí é que danou-se mesmo...



Todas as noites a freguesia do Magestic estava lá, firme, rindo as **criações incríveis** dos seus freqüentadores.

Naquela noite, Zé Queiroz queixava-se a Jorge de ter em seu quintal uma mangueira que botava muito, mas as frutas eram azedas.

Jorge que ouvira calado toda a história, rematava agora:

-Tem manga azeda quem quer...

-Como? - perguntou Queiroz. E qual é o remédio que eu posso fazer para que as mangas fiquem doces?

-Ora - respondeu Jorge - você compra uns dez a doze sacos de açúcar bruto e os enterra ao redor da mangueira...

-E as mangas ficam doces?

-Ficam favos de mel...

Dois dias depois Zé Queiroz já vinha relatar a Jorge o seu trabalho. Comprara os doze sacos de açúcar e os enterrara ao redor da planta. Agora, que a mangueira já estava florando, iria muito em breve ter mangas doces...

Mas, na nova carga, as mangas ainda vieram mais azedas.

Zé Queiroz foi se queixar a Jorge:

-Olhe, Jorge, o negócio não deu resultado, perdi o açúcar e as mangas não ficaram doces...

-E você fez direito?

-Fiz. Enterrei o açúcar ao redor da mangueira...

-E cortou a casca?

-Que casca?

-Queiroz, eu não lhe disse? Você enterra o açúcar e corta um palmo da casca da mangueira, ao redor de todo o tronco.

-Ah! bom, isto eu não fiz, não...

O pobre Queiroz fez nova despesa com a aquisição de novos sacos de açúcar e, desta vez, ralou o tronco da árvore, tirando um palmo da casca. Como era natural, a mangueira morreu.

Porém Zé Queiroz era um homem de boa fé, tanto assim que, passado o fato e ainda acreditando na palavra de Jorge, dizia, queixoso:

-Jorge, acho que não soube fazer o negócio direito. Naturalmente errei, e a mangueira morreu...mas, já plantei outra para ver se aproveito ainda o açúcar enterrado.

Porém, quando um dia fizeram Zé Queiroz descobrir o "fiasco" quase que Jorge apanha...



Havia no Magestic um empregado de "copa" que era uma figura esquisita. Amarelo como gema de ovo, grosso, baixo, de uma ignorância e estupidez incríveis, possuía, porém, uma característica própria: não incomodava ninguém, respeitava todo mundo e vivia quase alheio à vida de vibração do risonho Café.

Ficava na copa, lavando a louça, atendendo aos fregueses de "copo d'água" e servindo com prontidão e presteza.

Jorge Fernandes, mais das vezes, sentava-se no corredor, de onde ficava avistando o movimento da copa e olhando, bem de frente, o fiel empregado. Notara já que um respeitável cidadão, homem pacato e bom, mas que tinha a "fraqueza" de "pegar" pelo apelido de "papa-figo", quase sempre, na hora do cinema, vinha ali pedir água. E, nesta oportunidade, Jorge ideou logo a **malvadeza...**

Chamou Mandioca em particular e foi explicando:

-Olhe, Mandioca. Eu estou quase sempre sentado ali, bem defronte de você. Mas quando quero repetir a bebida, tenho que gritar: - outro grogue! - o que me desagrada, porque assim a freguesia ouve e não fica muito bem para mim. Para evitar isto, vamos combinar...quando eu quiser repetir a **dose**, faço um sinal para você e você então transmitirá a ordem ao empregado do botequim...mas, sem falar em grogue. Por exemplo: quando eu fizer o sinal, você dirá para o empregado do botequim: - olha, um "papa-figo" pra "seu" Jorge.

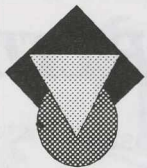
Mandioca achou graça na idéia, mas ficou combinado...

Daí a pouco chegava o respeitável freguês, Jorge, mais que depressa, fez o sinal...e o pobre do Mandioca, crédulo e inocente, não teve dúvidas:

-Olha, um Papa-figo...

Não terminou a frase. Já estava "abotoado", levando muxicões e foi mesmo necessário a intervenção do Firmo para evitar a contenda.

E Papa-figo "sumiu-se" também do Magestic.



LUCYDART
assessoria de comunicação

Palestra Pública (Entrada Franca)

Tema: O QUE É CONSCIENCILOGIA - Prof. Ryon Braga

Data: 02/02/98

Horário: às 20:00 hs

Local: OAB - Av. Junqueira Aires, 478.

Rua Ubaia, 7863 Cid. Satélite-Natal-RN
Tel.: 218 - 2927 985-8961 - e-mail: lucydart@digicom.br



EDITORA GRÁFICA

Serviços Gráficos em Geral

Rua Padre João Manoel, 520 - Tel.: (084) 222-1461
Natal - RN

Mordido de Cobra



Kela manhã, ainda bem cedo, desleitadas as cabras e suprido de água o pote de barro que dominava a forquilha de pereiro, a um canto da latada de folhas de oiticicas, o velho Rufino partiu em direção ao roçado.

la limpar a aninga e linguas-de-vaca, que cobriam, em quase toda a extensão, na Lagoa da Várzea, uma ipueira que demorava a umas duzentas braças do leito do rio e para onde

pretendia mudar uma planta de arroz cacheando, que já começava a amarelecer, à mingua de água.

Adiante, alfinetou o vício habitual do sertanejo. Lembrou-se de fumar. Afastou-se do caminho e se encostou a uma coivara que ficara por queimar na última broca.

-Só tomando umas baforadas para alertar.

Tirou o fumo, com unhas pontiagudas e encardidas, e encheu o pito sarroso. Puxou do bornal de couro curtido o *artifício* e tirou fogo três vezes seguidas. O vento da manhã, soprando intermitente, desviava a faísca de lâ do isqueiro. Rufino deixou escapar dos lábios uma pilhéria tímida.

-Que faz São Lourenço, que tão cedo tirou o freio desse desbragado?

Tomou para junto da coivara, abaixou-se bem, e novamente riscou o fuzil. Quando atenciosamente acendia o cachimbo, surpreendeu-o uma pancada forte, acompanhada de uma picada incisiva na parte superior do pé direito.

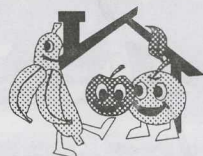
O sertanejo teve uma expressão súbita de instintiva religiosidade.

-Valha-me o senhor São Bento!

Olhou rápido à sua esquerda, e lá estava, espiralada a meio, cabeça levemente erguida, em atitude de quem desdenha da eficácia da reação, uma cascavel enorme.

Num gesto pronto, Rufino esmigalhou-lhe a cabeça com o olho da enxada. Depois, calmamente, como se não tivesse a vida em iminente perigo, estendeu-a ao longo do caminho e mediu, um a um onze palmos de sua mão possante de lavrador. Olhou o local da mordedura. Dois fios tênues de sangue corriam lentamente dos pontos em que se haviam

Ki-tanda



FRUTAS, VERDURAS, CARNES,
MEL DE ABELHA E ENGENHO,
OVOS CAIPIRA, GALETO, PRODUTOS DO SERTÃO,
FRIOS, BISCOITOS E DOCES CASEIRO

Av. Atonio Basilio, 2703 - Lagoa Nova - Tel: 5612 -
Natal - Rio Grande do Norte

CASA DO PEIXE LTDA



Camarão, Peixe, Lagosta,
Carne de Caranguejo,
Marisco, Ostra e Etc.



Ney Aranha Marinho Júnior
Sócio Gerente



Rua São João, 4 (Canto do Mangue) - Rocas - Natal/RN
Tel.: (084) 221-4917 / 981-2085

cravado as presas.

O caso era sério. Mas, como era curado de nascença... Quando, em princípios da era de 70, dera por aquelas bandas, o Luís Curador se negara a aplicar-lhe o milagroso preventivo: tinha o corpo fechado, Rufino.

Portanto, pensava consigo, não devia ingerir remédio algum. Era não confiar no privilégio que lhe concedera a natureza.

Faria apenas uma mezinha corriqueira de aplicação externa. O que tirava a força da cura eram as beberagens de qualquer espécie.

Arrastou o quicé, extraiu o coração do ofídio e colocou no lugar da ferida, por alguns instantes.

Em casa, ocultou da família a causa do retorno inesperado: parências de andaço; umas pancadas na cabeça; arrepio de frio; besteira, medo de molhar os pés.

Em pouco tempo, porém, se acentuavam definitivamente os sintomas inequívocos de atuação do veneno: escurecimento de vista, sede causticante, descangotamento.

Ofereceram-lhe os antídotos caseiros.

Rufino não aceitava, absolutamente. O sertanejo, supersticioso e rotineiro, não abdica facilmente de suas crendices, sedimentadas em longa elaboração, através de uma ininterrupta cadeia etnográfica: era curado de nascença, eis tudo quanto bastava.

Com a progressão do mal ofereciam-lhe outros remédios conhecidos, e a cada novo oferecimento correspondia o refrão inalterável e cadente.

-Eu sou curado de nascença

Só a força de muita súplica, e já quando se lhe debuxava no espírito a imagem da morte, foi que ele acedeu em tomar um pouco de leite de pinhão.

Mas, momentos depois, ante a ineficácia do remédio, aquela alma ingênua e rude, já nas ânsias da morte, atribuindo o desfecho fatal à sua falta de perseverança, ainda deixava transparecer, numa frase dúbia e resignada, a tristeza de não haver persistido na crença daquele dom que lhe outorgara o Criador.

-Eu bem sabia que era curado de nascença...

Mais tarde, quando já se esvaíam no ocidente as últimas tonalidades rubras do crepúsculo, quem passasse pela cabana de Rufino Ligeiro um espetáculo estranho o surpreendia: na sala da frente, um cadáver jazia estendido numa esteira, em cujas extremidades ardiam quatro velas de cera de carnaúba.

Afonso Bezerra

Nasceu Afonso Bezerra no antigo povoado de Carapebas, hoje município que tem o seu nome, por sugestão e justificação de motivos de Luís da Câmara Cascudo, admirador daquele que seria umas das mais fortes afirmações do talento ficcionista do Nordeste", segundo a opinião do mestre do folclore.

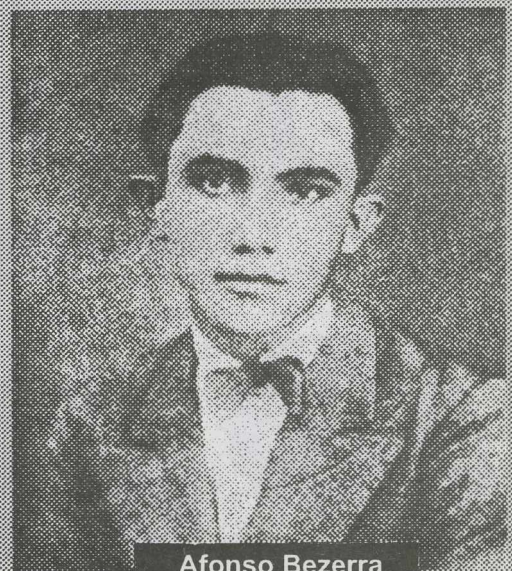
Afonso Bezerra concluiu os seus estudos secundários em Natal, transferindo-se então para o Recife, onde ingressou na Faculdade de Direito. Como Acadêmico, uma inteligência e um pendor literário, nele revelados precocemente, haveria destacá-lo entre os seus contemporâneos. Antes mesmo de ingressar no curso superior, Afonso Bezerra (consta ter estreado nas letras aos quatorze anos) já havia publicado artigos, ensaios e contos nos jornais de Natal e do Recife.

No ano em que iria fazer a terceira série do curso de bacharelado, morreu Afonso Bezerra, em Natal, vítima de tuberculose. Tinha vinte e três anos e não deixou livro publicado.

O seu conto incluído neste volume, "Mordido de Cobra", foi escrito aos dezessete anos (em 1924); publicado primeiramente no "Diário de Natal", seria mais tarde transcrito, com destaque, em revistas literárias do Recife e do Rio de Janeiro.

Relevadas as falhas comuns a todo iniciante, que, acrescente-se, são poucas em Afonso Bezerra, não há negar, em "Mordido de Cobra", bem como em seus demais contos, um real talento de escritor. Dono de uma concisão que não exclui, contudo, o bom emprego da minúcia, Afonso Bezerra realizou, na sua pequena obra, um regionalismo nordestino que nada fica a dever, em qualidade, aos mestres dessa corrente literária.

Poder-se-ia afirmar, sem receio ao exagero, que os seus contos também "valem como um documentário sociológico", mérito este já conferido a Hugo de Carvalho Ramos, com quem, por circunstâncias coincidentes, muito se identifica o escritor norte-rio-grandense.



Afonso Bezerra
1907-1930

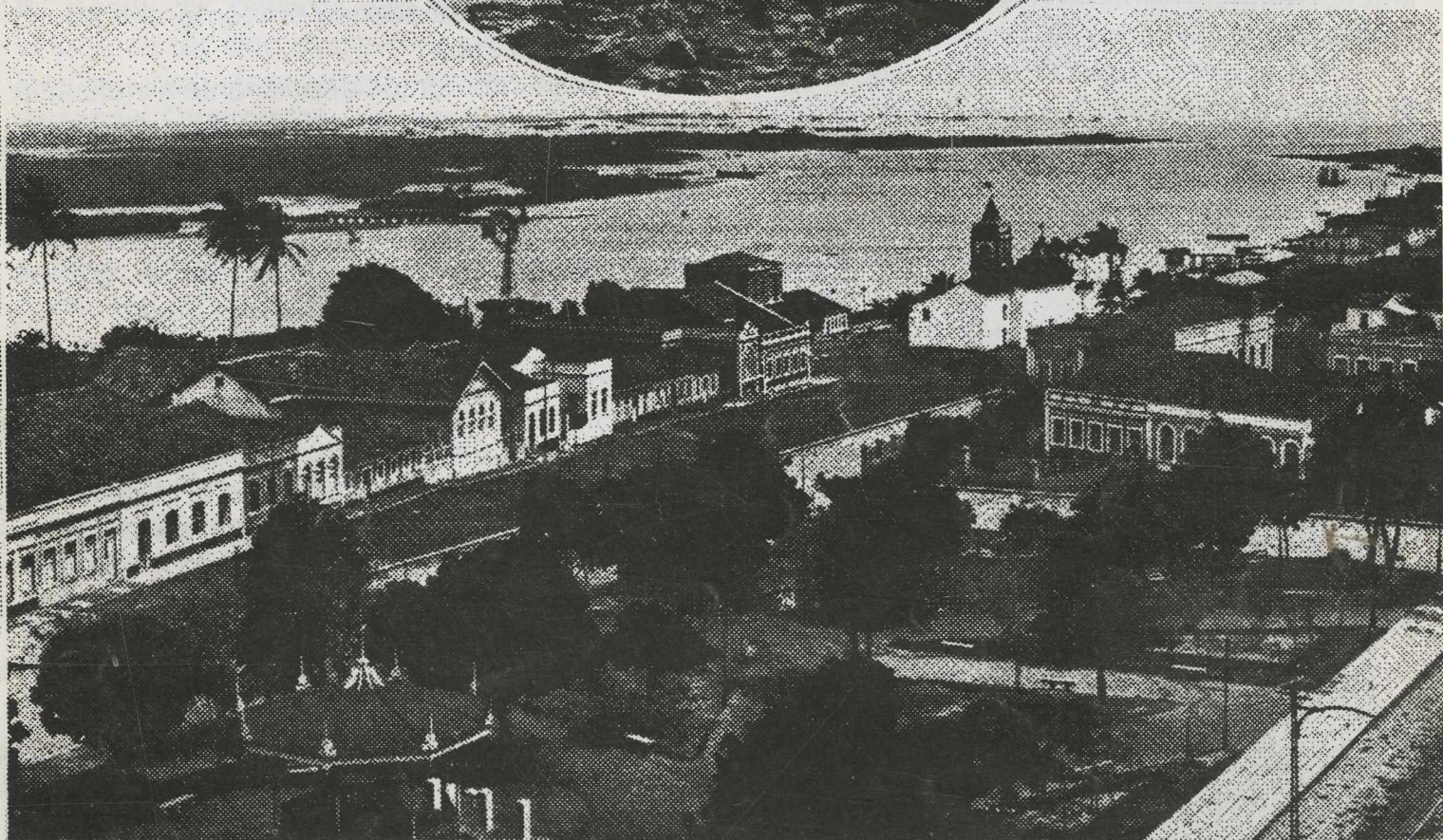
Nei Leandro de Castro

Transcrito do livro *Contistas-Riograndenses*,
Natal, 1966.

Forte dos Reis Magos



Praça André de Albuquerque



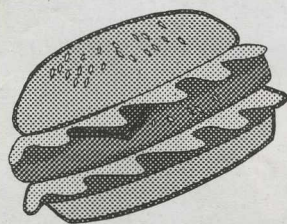
Lojas

ZÁS-TRÁS
Shopping Show

Praca de Alimentação

Rua Apodi, 500 - Tirol - Tel: 211-1444

Um show de atrações para o natalense. O mais novo point para você dançar ao som de excelente banda, grupo de forró com variadíssimo repertório e show de danças.



No seu caminho sempre tem
O SANDWICH

DISK SANDWICH

236-2667
202-2109

Segunda abre de 16:00hs até 1:00h
Terças e Quintas das 12:00hs até 1:00h
Sextas e Sábados das 12:00hs até 5:00hs da manhã
Domingos e Feriados: das 12:00hs até 3:00hs.

Shopping Center Cidade Jardim - Loja 14
Av. Afonso Pena, 433 - Petrópolis
Estrada de Ponta Negra, 9090
Via Direta Outlet Shopping - Loja J4